

Mario Pedrosa e a difusão do trotskismo no Brasil

Michel Silva¹

ORCID: 0000-0002-3281-3124

Resumo: Este ensaio discute a contribuição de Mario Pedrosa para a estruturação da corrente política conhecida como trotskismo no Brasil. Procura-se discutir a influência das ideias de Leon Trotsky mesmo depois de Pedrosa ter deixado a organização. Para tanto, utilizam-se textos, com diferentes temáticas, produzidos por Pedrosa entre as décadas de 1930 e 1980.

Palavras-chave: Mario Pedrosa; Trotskismos; Comunismo.

¹ Michel Goulart da Silva é Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realiza pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua como Técnico em Assuntos Educacionais do Instituto Federal Catarinense (IFC). E-mail: michelgsilva@yahoo.com.br Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8260725539562633>

Abstract: This essay discusses Mario Pedrosa's contribution to the structuring of the political current known as Trotskyism in Brazil. It seeks to discuss the influence of Leon Trotsky's ideas even after Pedrosa had left an organization. For this purpose, texts with different themes, produced by Pedrosa between the 1930s and 1980s, are used.

123

Keywords: Mario Pedrosa; Trotskimos; Communism.

Resumen: Este ensayo discute la contribución de Mario Pedrosa a la estructuración de la corriente política conocida como trotskismo en Brasil. Busca discutir la influencia de las ideas de León Trotsky incluso después de que Pedrosa dejara la organización. Para ello se utilizan textos de diversa temática, producidos por Pedrosa entre las décadas de 1930 y 1980.

124

Palabras clave: Mario Pedrosa; trotskismos; Comunismo.

Neste ano, no âmbito da esquerda, muitos dos debates acerca da história do movimento operário passam pelo balanço dos cem anos de fundação da Oposição de Esquerda, núcleo embrionário do que veio a ser conhecido como trotskismo, em oposição ao processo de burocratização do Partido Bolchevique na União Soviética. No Brasil, uma das figuras que mais se destacaram nessa história foi Mario Pedrosa. Nascido no dia 5 de abril de 1900, em Timbaúba (PE), Mário Pedrosa é reconhecido principalmente como um dos fundadores das primeiras organizações trotskistas no Brasil. Depois de romper com o Partido Comunista do Brasil (PCB), começa a militar nas fileiras do trotskismo, ainda na Europa, a partir de 1929. No Brasil, participou da criação do Grupo Comunista Lenin (CGL), que passa a publicar o jornal *A luta de classes*, em maio de 1930. Esse primeiro grupo, politicamente frágil e duramente atacado pelos stalinistas, teve uma curta existência, constituindo-se no embrião da Liga Comunista (LC), fundada em janeiro de 1931.

Coube a essa primeira geração de trotskistas elaborar algumas das primeiras e mais importantes análises sobre a situação política e econômica e o desenvolvimento histórico do Brasil, a partir de uma perspectiva marxista. Enquanto as análises stalinistas repetiam os esquemas teóricos impostos pela Internacional Comunista, Mario Pedrosa e seus camaradas procuravam fazer uma análise da situação concreta da realidade do Brasil. Um dos textos mais brilhantes desse esforço foi o chamado “Esboço de uma análise sobre a situação brasileira”. Nesse texto, Mario Pedrosa e Livio Xavier mostram a validade teórica e política do *desenvolvimento desigual e combinado*, central nas análises de Trotsky (2007, p. 21), que aponta para a “aproximação das distintas etapas do caminho e à confusão de distintas fases, ao amálgama de formas arcaicas e modernas”. Trotsky (2010, p. 271) afirmava que “*a desigualdade do desenvolvimento consiste precisamente nos saltos por cima das etapas*, ou no estacionamento demorado em uma delas”.²

Essas ideias embasam a análise de Pedrosa e Xavier, que assinam o documento como M. Gamboa e L. Lyon, que apontam para as particularidades do desenvolvimento capitalista e para as desigualdades econômicas observadas entre estados ou mesmo regiões. Em determinado momento do documento, afirmam:

² As ideias sobre desenvolvimento econômico e suas implicações políticas em Trotsky são discutidas em Silva (2005, 2022).

As lutas políticas que a República conheceu até agora e que se produzem, geralmente, por ocasião das eleições presidenciais, desenrolam-se ao redor dos grupos políticos dominantes no estado de São Paulo. A diferenciação econômica entre os estados da federação acentua-se cada vez mais. A burguesia de São Paulo, aliada à de Minas Gerais, conquistou o governo federal. Os representantes parlamentares dos estados secundários tornaram-se representantes do poder central nos estados, ao invés de — segundo a ficção constitucional — representar os estados juntos ao poder central. Mas o processo econômico estendeu-se pouco a pouco a todo o território brasileiro e o capitalismo penetrou todo o Brasil, transformando as bases econômicas mais retardatárias (PEDROSA & XAVIER, 2015, p. 67).

Portanto, ainda que de forma desigual, as relações de produção capitalista se desenvolveram no Brasil, numa inter-relação entre as condições econômicas e políticas nacionais e internacionais. Nesse processo,

[...] o Brasil integra-se cada vez mais à economia mundial e entra na esfera de atração imperialista. Com a Grande Guerra e o protecionismo, o crescimento industrial acentuou-se, complicando as relações de classe e os problemas decorrentes (PEDROSA & XAVIER, 2015, pp. 67-8).

126

Uma das consequências desses limites no desenvolvimento capitalista e sua relação orgânica com o imperialismo passa justamente pela fragilidade da burguesia, que se mostra incapaz de encabeçar um processo de transformação social. Nesse sentido, afirmam os autores do “Esboço”:

O imperialismo altera constantemente a estrutura econômica dos países coloniais e das regiões submetidas à sua influência, impedindo o seu desenvolvimento capitalista normal, mal permitindo que esse desenvolvimento se realize de maneira formal nos limites do Estado. Por essa razão, a burguesia nacional não tem bases econômicas estáveis que lhe permitam edificar uma superestrutura política e social progressiva (PEDROSA & XAVIER, 2015, p. 68).

Contudo, apesar da extrema qualidade nas análises realizadas pelos trotskistas, a realidade concreta se mostrou bastante difícil para a pequena organização recém-fundada. Em âmbito internacional, fascismo e nazismo ganhavam força, principalmente depois da chegada de Hitler ao governo na Alemanha, em 1933. No Brasil, uma expressão disso foi a organização conhecida como Integralismo, combatida duramente pelos trotskistas. No dia 7 de outubro de 1934 ocorreu a chamada Revoada dos Galinhas Verdes, quando uma frente

única antifascista, com a participação dos trotskistas, em unidade com setores do PCB e outros grupos de esquerda, dispersou um ato dos integralistas, em São Paulo. Mario Pedrosa foi uma importante figura na articulação da Frente Única Antifascista (FUA), que, além dos trotskistas e de setores do PCB, incluía socialistas e mesmo anarquistas. Fúlvio Abramo, também militante da primeira geração de trotskistas, dizia acerca da participação de Pedrosa nessa luta:

O seu entusiasmo por estar na linha de frente da luta antifascista e por dar mais uma demonstração de que a condição de trotskistas era legítima expressão do espírito revolucionário transparecia no seu sorriso entre exultante e irônico (ABRAMO, 2014, p. 82).

Pedrosa esteve responsável por outras contribuições teóricas que, influenciadas pelo trotskismo, procuravam contribuir para a interpretação da situação econômica e social do Brasil na década de 1930. Entre outros aspectos, aprofunda o entendimento do desenvolvimento desigual e combinado para compreender a conjuntura dos primeiros anos da ditadura encabeçada por Getúlio Vargas. Em texto de junho de 1937, intitulado “A situação nacional”, afirma:

O problema do desenvolvimento desigual do capitalismo no Brasil não se traduz apenas pela diversidade das zonas geográficas, pelo agigantamento maior de um estado em relação a outro, mas já se faz sentir dentro do próprio campo da produção, entre um ramo produtivo e outro (PEDROSA, 2015a, pp. 297-298).

Outro aspecto caro ao trotskismo apontado nessa contribuição teórica de Pedrosa passa por demonstrar a impossibilidade de alcançar uma democracia nos moldes daquelas implantadas na Europa. Segundo Pedrosa (2015a, pp. 319-320),

[...] assim como o modo de produção capitalista não poderá jamais atingir, nos países novos ou retardados, a mesma plenitude de desenvolvimento e equilíbrio alcançado pelo capitalismo nos velhos países industrializados, assim também, no domínio político, o desenrolar da luta de classes naqueles primeiros países já não deixa lugar para qualquer desenvolvimento pleno, orgânico, à europeia, das formas democráticas de dominação burguesa. A sorte dos regimes políticos burgueses nos países dependentes está intimamente ligada ao desenvolvimento desigual de suas economias, do grau de pressão imperialista e à fraqueza congênita de seu Estado.

Essa conjuntura autoritária vivenciada no governo Getúlio Vargas, da qual as organizações de esquerda, inclusive o PCB e os trotskistas, foram vítimas, tem relação com a situação política mais ampla. Em âmbito internacional, depois da derrota da resistência dos trabalhadores na Espanha, Hitler e seus aliados em

outros países, como é o caso de Mussolini na Itália, arrasta o mundo para mais uma nova guerra.

Nessa conjuntura, enquanto organização internacional, os trotskistas se dispersaram, devido à repressão fascista, à perseguição stalinista ou mesmo às debilidades das diferentes organizações que faziam parte da IV Internacional. Isso se acentua principalmente depois do assassinato de Trotsky por um agente de Stálin, em agosto de 1940. Politicamente havia problemas na IV Internacional, antes mesmo do assassinato de Trotsky, como o mostrou a formação de uma tendência “antidefensistas” no SWP dos Estados Unidos.³ Esses setores se colocaram contra a posição majoritária da IV Internacional, para a qual os revolucionários deveriam defender as conquistas da revolução de 1917 diante da ofensiva imperialista, inclusive diante de uma guerra contra a União Soviética. Nesse debate,

[...] Trotski e a maioria da direção do SWP a descreviam como um Estado operário degenerado, mas para Pedrosa e seus companheiros a URSS passara a ser um estado com um governo despótico e sem compromisso com seus cidadãos, o qual poderia ser caracterizado como um estado livre burocratizado (KAREPOVS, 2015, p. 168).

Mario Pedrosa aderiu às posições desse grupo, para o qual não caberia aos trotskistas defender, mesmo diante de ataques do imperialismo, o Estado operário degenerado que governava a União Soviética. Em novembro de 1939, em documento encaminhado à direção da IV Internacional, explicava sua posição e criticava a posição de Trotsky e da maioria da organização. Pedrosa, entre outras coisas, aproxima os regimes fascista e soviético e apresentava a União Soviética como um campo imperialista, justificando assim a necessidade de não apoiar no conflito que se iniciava. Para ele,

[...] a continuidade de Stálin, na guerra ou na paz, é a colonização e o desmembramento da URSS ou o fascismo. Sua vitória na guerra é o fascismo na Rússia como no mundo. A bandeira da suástica também é “vermelha”. A vitória de Stálin aliado a Hitler *transformaria a burocracia em uma nova classe depois de um processo de nacionalização de que a própria burocracia seria o objeto*. Nós não temos motivo algum para ajudar direta ou indiretamente a vitória de um campo imperialista qualquer. A vitória de qualquer um dos bandidos seria o triunfo da contrarrevolução fascista, se pudermos imaginar que esta guerra terminasse sem a intervenção revolucionária das massas (PEDROSA, 2015b, pp. 459-460).

³ Alguns dos principais textos acerca desse debate estão reunidos em Trotsky (2011).

Mario Pedrosa deixou a militância formal na IV Internacional depois de seu embate com a direção internacional acerca da política em relação à URSS. Como expressão das dificuldades organizativas internacionais, no Brasil os trotskistas também acabaram se dispersando. Esse pode ser considerado um momento de transição no que se refere à organização do trotskismo no Brasil:

A cisão de Pedrosa marcou o fim do que se poderia chamar de primeira geração do trotskismo brasileiro. O processo de transição de uma geração a outra ocorreu quase que por inércia, já que a maioria dos elementos de “primeira geração” se encontrava fora de ação: presos, exilados ou simplesmente sem contato com a militância (KAREPOVS, 2015, p. 169).

Nesse processo, alguns agrupamentos tentaram manter um fio de continuidade, como foi o caso do PSR, uma fusão do que restou dos antigos militantes trotskistas com uma dissidência do PCB dirigida por Hermínio Sacchetta, em 1939. Nos anos seguintes, coube ao PSR ser o representante do trotskismo no Brasil, até sua dissolução, no começo da década de 1950.

Mario Pedrosa, ainda que tenha deixado a militância orgânica na IV Internacional, nunca abandonou os princípios que o motivaram a ser um dos fundadores do trotskismo no país, em particular o internacionalismo, a necessidade de construir uma direção para os trabalhadores e o combate ao stalinismo. Essas posições se evidenciam em alguns de seus textos, entre os quais no livro *Opção brasileira*, quando faz um balanço do golpe de 1964 e critica as posições desenvolvimentistas que impregnavam a esquerda na época. Nessa obra, publicada em 1966, afirmava:

Não há burguesia capitalista que tenha, em seu todo, interesses globais em uma política de industrialização como querem Furtado e outros intelectuais [...]. Eles só querem fábricas quando as perspectivas de lucro são tranquilas. A classe dirigente industrial brasileira decepcionou os desenvolvimentistas (PEDROSA, 1966, p. 237).

Pedrosa tanto aponta para os limites da burguesia nativa como àqueles que se iludem com a possibilidade de uma transformação social encabeçada pelas classes dominantes. Nesse sentido, completava, discutindo uma perspectiva estratégica:

[...] nosso paradigma não pode ser nenhum país subdesenvolvido ou mesmo industrial secundário. O nosso paradigma deve ser a Rússia dos primeiros planos quinquenais, embora muito mais

modernizados. Estabelecendo um quadro de potencialidade de desenvolvimento entre o ponto de partida soviético e o ponto de partida brasileiro, verificar-se-á poder partir o nosso de um nível técnico social bem mais alto e já sob um ângulo de visão democrático e socialista (PEDROSA, 1966, p. 41).

Portanto, diferente da maioria da esquerda, impregnada pelas ideias stalinistas e nacionalistas, para a qual a burguesia poderia ser uma aliada estratégica no Brasil, Pedrosa era enfático em afirmar, por um lado, que essa era uma aliança improvável e, por outro, que o objetivo deveria ser almejar os planos dos primeiros anos da tentativa de construção do socialismo depois de 1917. Na União Soviética, segundo Pedrosa (1966, p. 237), “a industrialização não foi obra da burguesia, foi obra de uma nova classe dirigente que tinha por programa industrializar, custasse o que custasse, o país, na base de uma economia coletivista para atender primeiramente os interesses vitais do povo”.

Pedrosa seguia como um crítico do stalinismo também no âmbito das artes. Como parte das comemorações dos 50 anos da Revolução Russa, escreveu:

Depois da vitória de Stalin, o Partido interveio diretamente no processo interno da criação artística para pedir aos escritores e artistas um serviço 100% de propaganda em favor dos projetos de investimentos, de reformas administrativas e para prestígio de seus quadros dirigentes, e o todo coroado pelo endeusamento do Líder Supremo, cabeça coroada da burocracia. Esta, depois de vencidas as primeiras fases da guerra civil, depois de abafadas as vozes autorizadas dentro do Partido, suprimida qualquer veiledade de autonomia e democracia nos sindicatos operários, nos sovietes e por fim dentro do próprio Partido, passou a ser o grupo dirigente único e soberano, no Estado e no país (PEDROSA, 1967).

Essas ideias de Pedrosa convergem com aquelas defendidas por Trotsky, em torno da liberdade da arte e sua relação com a revolução.⁴ Em defesa desses princípios, o revolucionário russo afirmava:

[...] o homem expressa na arte a sua exigência da harmonia e da plenitude de existência – quer dizer, do bem supremo do qual é justamente a sociedade de classe que o priva. Por isso, a criação artística é sempre um ato de protesto contra a realidade, consciente ou inconsciente, ativo ou passivo, otimista ou pessimista (TROTSKY, 1985, p. 91).

⁴ Discute-se com mais densidade a concepção de arte de Trotsky em Silva (2018).

Pedrosa foi um duro crítico da ideia de realismo socialista, criticando o uso das artes como forma de propaganda de um Estado. Nesse sentido, afirmava em 1957: “O realismo em arte é uma expressão de rotina e não de uma realidade” (PEDROSA, 1995, p. 100). No mesmo ano, em outro texto, em defesa de uma concepção marxista, combatendo o stalinismo, afirmava que “a arte, mesmo a mais ‘realista’, é o maior instrumento de idealização da realidade” (PEDROSA, 1995, p. 104). Em sua extensa produção, Pedrosa publicou críticas acerca de obras de artes, reflexões em torno a escolas e mostras artísticas, entre outros temas, bem como reflexões teóricas inseridas na relação entre cultura e marxismo. Um tema recorrente é justamente o modernismo e seus desdobramentos. Em 1933, enquanto ainda militava nas fileiras do trotskismo, escreveu acerca do modernismo:

A simultaneidade e a generalização do movimento chamado de arte moderna, por toda a parte e através de todas as diferenciações episódicas ou parciais, mostram o seu caráter social verdadeiro. Não foi capricho individual de ninguém nem movimento superficial de moda. Foi um momento na evolução histórica estética e uma imposição das forças produtivas e culturais da época, exigindo manifestar-se sob uma forma social nobre. Mas esse movimento continua inacabado e não passará de um processo evolutivo, marcado ainda pela dualidade burguesa, e sua concepção puramente natural ou técnica deixa ainda de fora a sociedade (PEDROSA, 1995, p. 45).

Pedrosa apresenta uma compreensão materialista dialética da arte, como expressão estética das condições materiais da sociedade. Essa compreensão da arte moderna dialoga com as ideias do próprio Trotsky (1985, p. 92):

As escolas artísticas das últimas décadas, o cubismo, o futurismo, o dadaísmo, o surrealismo, sucedem-se sem atingir seu pleno desenvolvimento. A arte, elemento mais complexo, mais sensível e ao mesmo tempo mais vulnerável da cultura, é a primeira a sofrer pela decadência e degradação da sociedade burguesa.

Pedrosa, contudo, não se limitou a um estudo geral acerca do modernismo, fazendo também reflexões sobre a arte moderna no Brasil. Em uma conferência realizada em 1952, coerente com a ideia desenvolvida anos antes, apontava que o movimento acabou “bifurcando-se em duas correntes, uma de pura vivência psíquica e de alta vitalidade espiritual e artística, e a outra de mera expressividade anedótica e pitoresca que degenera em modismos preconceituosos para terminar em estilo de tropos oratórios” (PEDROSA, 1964, p. 137). Observa que das

“derivações literárias (não propriamente artísticas) frustradas da segunda corrente do modernismo brasileiro, como o “verde-amarelismo” e depois o indianismo anacrônico da ‘Anta’, nada ficou de esteticamente ou mesmo de especulativamente válido” (PEDROSA, 1964, p. 137). Observa-se, portanto, o próprio integralismo como movimento político oriundo de uma perspectiva modernista. Segundo Pedrosa (1964, p. 137),

[...] o nacionalismo verde-amarelista não tardou a sair do plano espiritual da criação artística propriamente dita para coagular-se, desta vez como produto importado mesmo da Europa, num movimento exclusivamente político totalitário, decalcado nos gestos e na indumentária e em resíduos das ideias do fascismo italiano e do nazismo alemão.

Embora seja bastante reconhecido por sua obra acadêmica, à qual dedicou grandes esforços intelectuais, Pedrosa nunca deixou de atuar politicamente. Em seus últimos anos de vida, por exemplo, se engajou na construção do Partido dos Trabalhadores (PT). Nesse debate se colocou novamente no mesmo lado dos trotskistas. Enquanto os stalinistas permaneciam dentro do MDB, o partido de oposição consentida da ditadura, a antiga geração de trotskistas e algumas novas organizações que lutavam sob a bandeira da IV Internacional, participavam ativamente das amplas mobilizações dos trabalhadores que, além da independência de classe e da luta contra a ditadura, colocavam no horizonte a possibilidade de construção de um partido operário independente. O PT foi produto dessa mobilização, que tem relação direta com o processo de reorganização dos movimentos sociais na década e o conjunto de mobilizações estudantis e dos trabalhadores ocorridas na segunda metade da década de 1970 (SILVA, 2014). Pedrosa, apontando as particularidades históricas da conjuntura, escrevia em setembro de 1979:

Um novo momento histórico aparece com força de projetar em todas as camadas da população, até ontem sem presença nem esperança, uma nova luz. Essa nova luz se concretiza nessa grande generalização de classe dos militantes operários que, coroando todas as suas lutas, se reúnem para formar o novo partido dos trabalhadores do Brasil, bandeira que nenhum brasileiro não-comprometido com a dominação das classes dirigentes pode desconhecer.

O principal elemento dessa conjuntura, além da derrubada da ditadura, passava justamente pela possibilidade de construção de uma direção política para os trabalhadores. Pedrosa (1980, p. 19) afirmava:

O Partido dos Trabalhadores é o grande projeto de transformação do Brasil. Já agora ele começa por afastar de seu caminho toda essa legislação carunchosa dita trabalhista que nos oprime e especialmente oprime os que trabalham e são assalariados neste país e que nunca conseguiram ser considerados como povo, tendo sempre vivido sem as distinções que em toda parte marcam um povo.

Pedrosa faleceu em novembro de 1981. Na ocasião, Plínio Mello, parceiro de militância de Pedrosa desde a década de 1920, escrevia nas páginas do jornal *O Trabalho*, publicado por uma então jovem organização trotskista:

Com a morte de Mario Pedrosa, perde o movimento operário brasileiro não só um dos líderes mais lúcidos e combativos, mas, ainda, aquele que melhor vinha interpretando através de sua atuação de militante socialista, a estratégia a ser seguida pelas novas gerações revolucionárias em nosso país. Por isso mesmo, seus ensinamentos precisam ser rememorados como tarefa fundamental destinada à formação dos novos militantes daquele movimento (MELLO, 1981, p. 10).

Essas palavras mostram a importância histórica de Mario Pedrosa para o conjunto da esquerda brasileira. Pedrosa deixou um importante legado para a esquerda brasileira, seja pela sua atuação política em nome da classe trabalhadora, seja pelo seu papel como crítico de arte marxista, seja como intérprete da realidade brasileira. Conhecer sua obra teórica e sua política permitem elucidar importantes elementos para compreender a história e as fragilidades da esquerda atualmente no Brasil.

Referências

- ABRAMO, Fulvio. A revoada dos galinhas verdes: uma história da luta contra o fascismo no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Veneta, 2014.
- KAREPOVS, Dainis. Apresentação. ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis (org.). Na contracorrente da história: documentos do trotskismo brasileiro (1930-1940). São Paulo: Editora Sundermann, 2015.
- MELLO, Plínio. Mario Pedrosa 1900-81. *O Trabalho*, São Paulo, nº 131, novembro de 1981.
- PEDROSA, Mario. A defesa da URSS na guerra atual. ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis (org.). Na contracorrente da história: documentos do trotskismo brasileiro (1930-1940). São Paulo: Editora Sundermann, 2015b.
- PEDROSA, Mario. *Opção brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- PEDROSA, Mario. *Políticas das artes*. São Paulo: USP, 1995.
- PEDROSA, Mario. A revolução nas artes. *Correio da Manhã*, nov. 1967.
- PEDROSA, Mario. Semana de arte moderna In: *Dimensões da Arte*. Rio de Janeiro: MEC, 1964.

PEDROSA, Mario. A situação nacional. ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis (org.). Na contracorrente da história: documentos do trotskismo brasileiro (1930-1940). São Paulo: Editora Sundermann, 2015a.

PEDROSA, Mario. Sobre o PT. São Paulo, Ched Editorial, 1980.

PEDROSA, Mario & XAVIER, Livio. Esboço de uma análise da situação econômica e social do Brasil. ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis (org.). Na contracorrente da história: documentos do trotskismo brasileiro (1930-1940). São Paulo: Editora Sundermann, 2015.

SILVA, M. G. “Arte e revolução em Trotsky e Breton”. Aurora, n.º. 30, pp. 55-64, 2018.

SILVA, M. G. “Lenin, Trotsky e o mundo depois de 1917”. Boletim de Conjuntura (BOCA), n.º. 28, pp. 12-18, 2022.

SILVA, M. G. “O movimento estudantil e a resistência à ditadura em Santa Catarina”. Tempos Históricos, n. 18, 2014d.

SILVA, M. G. “A permanência de Trotsky”. Revista Urutágua, n.º. 8, 2005.

TROTSKY, Leon. A arte e a revolução. In: FACIOLI, Vicente (org.). Breton & Trotsky. São Paulo: Paz e Terra/Cemap, 1985.

TROTSKY, Leon. Em defesa do marxismo. São Paulo: Sundermann, 2011.

TROTSKY, Leon. História da revolução russa. São Paulo: Sundermann, 2007.

TROTSKY, Leon. A teoria da revolução permanente. São Paulo: Sundermann, 2010.